

Terapeuta acompanhante substitui as internações

LINA DE ALBUQUERQUE

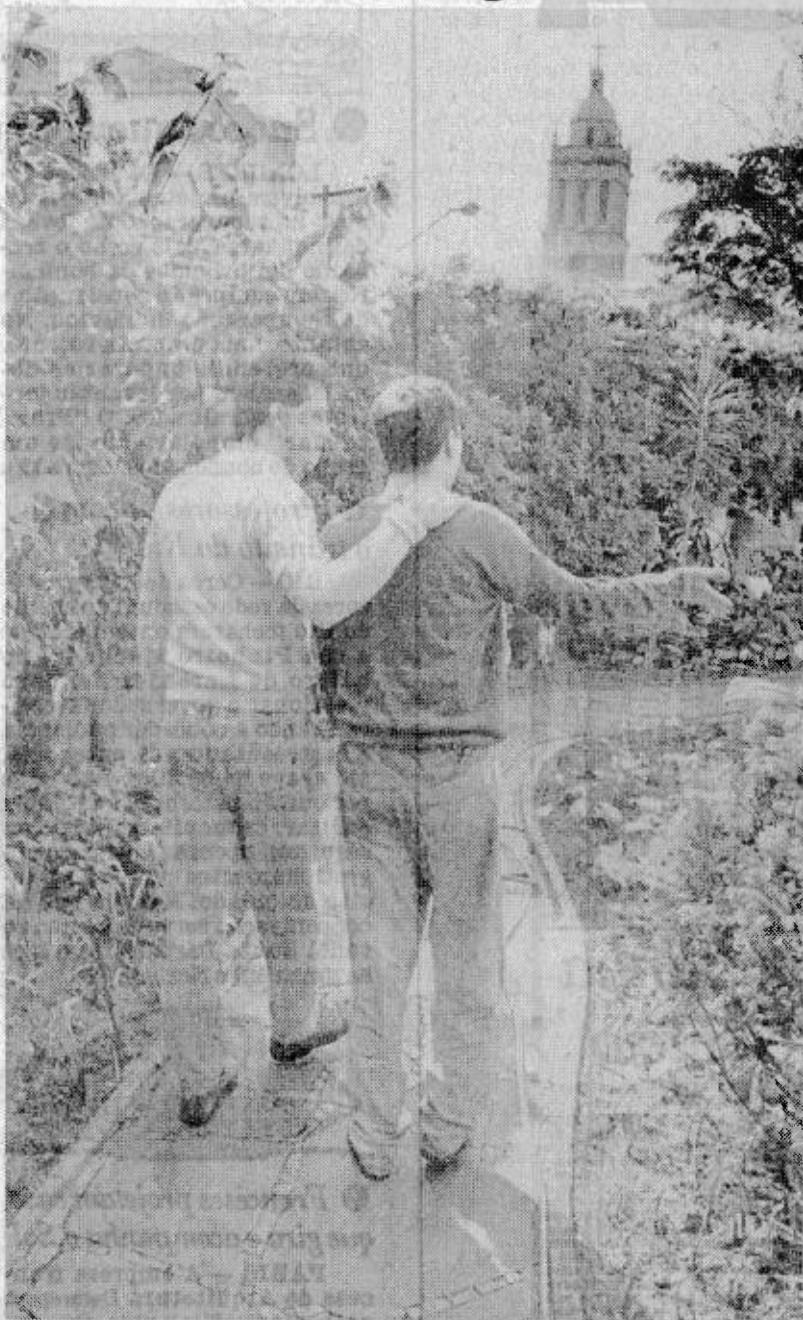
A temperatura em São Paulo beirava 30 graus, mas A.B., um psicótico português de 22 anos, somente se arriscava a pôr os pés na rua devidamente encapotado. Ele morava em Estoril, estância balneária perto de Lisboa, e tinha se mudado para o Brasil por um único motivo: tratar-se numa clínica psiquiátrica anticonvencional, onde uma parte importante da terapia é feita por acompanhantes terapêuticos, profissionais treinados para acompanhar doentes mentais nas mais variadas atividades sociais.

Apesar do calor, A.B. estava convencido de que a nova cidade era um iceberg desinteressante. Um simples mergulho na piscina do Sesc-Campeste, porém, junto da acompanhante e psicóloga Eliane Berger fez com que ele admitisse afinal que os seus capuzes não combinavam com o verão paulistano.

Experiências como a de A.B. serão discutidas durante o 1º Encontro Paulista de Acompanhantes Terapêuticos, nos dias 17 e 18 de junho na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) promovido por A Casa, a primeira clínica particular a se manifestar contra a internação dos doentes mentais, há dez anos. A função do acompanhante terapêutico se desenvolveu depois que o psiquiatra Franco Basaglia iniciou a derrubada dos muros dos hospícios italianos, em 1961. "Trabalhamos para reintegrar o paciente ao convívio social", resume o psiquiatra e psicanalista Nelson Carrozzo, um dos fundadores da clínica.

Um dos maiores esforços por parte dos acompanhantes, segundo Carrozzo, consiste em convencer os pacientes a sair de casa e retomar aos poucos o contato com o mundo. "Os psicóticos deliram, têm grande negatividade e demonstram tendência para se enclausurar em torno da própria doença", considera ele. A vitória experimentada pelo psicólogo Rui Farneda foi justamente conseguir com que Y, um psicótico de 21 anos, trancafiado num quarto escuro por seis meses, caminhasse com ele por algumas horas. "Ele quis me mostrar, num ritmo aceleradíssimo, todos os locais que frequentara antes do surto. No final do dia, eu estava exausto, mas realizado", diz Farneda.

No entanto, antes de o psicólogo ter sido chamado pela família, nem os amigos mais próximos do paciente tinham conseguido tirá-lo de casa. "Amigos e parentes costumam aconselhar os psicóticos só em nível da realidade, enquanto os pro-



Newton Aguiar/AE

Carrozzo, à esquerda e seu paciente: caro

fissionais de saúde mental trabalham também as suas vivências interiores", verifica o psicólogo Mauricio Porto, também integrante da equipe de A Casa.

Tanto A.B. como Y, sistematicamente assistidos por acompanhantes da clínica há mais de três anos, não estão completamente restabelecidos, mas vêm rompendo bloqueios importantes. A acompanhante e psicóloga Renata Caiaffa é apontada como uma das responsáveis por Y ter iniciado um namoro recentemente. Quando Y passou a ser acompanhado por ela, descobriu que existiam mulheres diferentes dos padrões negativos femininos representados nos comportamentos da mãe e da irmã — e não teve mais

medo de namorar. "Em geral, a psicose não é uma doença orgânica", diz a psicóloga Eliane Berger. "O psicótico não aparece numa família saudável."

O maior inconveniente desse tipo de tratamento parece ser mesmo o preço: NCzs 21,00 por hora. Pacientes pobres já contam, há dois anos, com uma clínica paulistana da rede pública nos moldes semelhantes. Trata-se do Centro de Atenção Psicossocial, supervisionado, inclusive, por Baatriz Aguirre, uma das diretoras de A Casa. No dia 8 de agosto, o "Grupo Vivência" (884-3248), coordenado pelo psicólogo Ronaldo Ferreira, vai dar um curso pioneiro sobre a formação de acompanhantes terapêuticos.